

## Dom Casmurro - um sujeito de seu tempo

*Prof. Ms. Hermes Honório da Costa*

### Resumo

Este artigo examina Dom Casmurro, de Machado de Assis, na perspectiva de ver o narrador como um sujeito de seu próprio tempo e não apenas como uma personagem do romance. Focaliza, para tanto, as condições de produção do sujeito presentes no texto.

**Palavras-chave:** Dom Casmurro, sujeito, condições de produção.

### Abstract

This paper examines Dom Casmurro, of Machado de Assis, from the perspective to see the narrator as a subject of his own time and not only as a romance character. For this purpose, it focus on the production conditions of the subject present in the text.

**Key words:** Dom Casmurro, subject, production conditions.

## Sobre o autor

### Hermes Honório da Costa

Natural de São Francisco do Glória - MG.

Graduado em Letras e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Araxá-MG.  
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UFU)  
e em Orientação Educacional (FUSV).  
Mestre em Linguística - Análise do Discurso (UFU).  
Professor e Assessor de Comunicação  
no Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ.  
Orientador Educacional na E.E. Luíza de Oliveira Faria.  
Editor do “Informativo UNIARAXÁ”  
e da Revista “Evidência: *olhares e pesquisa em saberes educacionais*”.

Membro da Academia Araxaense de Letras, Cadeira n 15,  
e Presidente dessa Academia no biênio 2005-2007.

#### Livros publicados:

Salve a Terra! Salve, Salve! (teatro - escrito em parceria) – 1978  
Primeiros Versos (poemas) – 1992  
Cristais - poemas, ocasionais de amor e desespero (poemas) – 2004  
Um olhar sobre “A mão de Sancha” – 2004

0

## *Os múltiplos sujeitos de Dom Casmurro - II*

# Dom Casmurro - um sujeito de seu tempo

*Prof. Ms. Hermes Honório da Costa*

Sem nenhuma reflexão sobre o ato de alguém escrever um texto literário, um romance, por exemplo; sem nenhuma reflexão sobre a coragem e o risco de um sujeito enunciar um discurso de forma escrita; sem nenhuma reflexão sobre o que leva um sujeito ao ato de escrever... ao debruçar-se sobre um texto como **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, o leitor é tomado pelas artimanhas do narrador e cai, facilmente, no emaranhado labirinto construído por esse narrador, pior ainda, pelo sujeito que engendra, em teias, os discursos.

É sempre bom ter de forma clara que, se ao ler um texto, o leitor coloca-se na posição de sujeito da interlocução, o narrador/enunciador do texto está resgatado como sujeito que dialoga e digladija com o leitor, em um processo de construção do enunciado e de circulação dos discursos, em que nem o sujeito enunciator, nem o sujeito leitor controlam, por sua parte, o que dizer e o modo como os discursos vêm à tona, fluindo no ato de escrever ou de ler. Se, por um lado, a relação do sujeito enunciator e do sujeito leitor é uma relação dialógica, e os sentidos são construídos nessa relação, por outro lado, o dizer não é propriedade privada, a construção de enunciados não pertence, como propriedade, a ninguém. *As palavras não são só nossas*, explica Orlandi (2002: 32), acres-

centando que as palavras significam, também, pela história e pela língua. O que significa nas nossas palavras, já significou em outros dizeres. O que Dom Casmurro disse pela pena de Machado de Assis – vejam que se está fazendo uma inversão de valores, em que a criação está mais presente e é mais forte que o criador – é, de certa forma o que estava sendo dito por uma massa de habitantes do Rio de Janeiro, atingida pelas novidades do final do século e frustrada pelos fracassos a que foi submetido aquele sujeito que se nomeou como Dom Casmurro.

Nesta perspectiva de enfrentar o texto e buscar o que nele pode estar escondido, em um exercício justo e possível pelo direito da interpretação, pode-se perguntar: Quantos diferentes leitores temos para **Dom Casmurro**!? Que sujeito é esse Dom Casmurro, que dialoga e digladia com todos os seus interlocutores?

Consciente ou não, crítico ou não esse leitor, o fato é que o sujeito narrador tem formas de manter o diálogo e sustentar o embate em torno dos discursos que se fazem presentes. Ora ele chama o leitor para o campo discursivo em que se situa, ora ele esconde do leitor determinadas verdades e evidências para manter o leitor preso à teia de seu texto e de seus discursos.

O ato de enunciação, a princípio e superficialmente, parece simples e espontâneo. Ver um sujeito no instante e no processo enunciativo dá ao observador a sensação de que tudo acontece de forma tão natural, quase mecânico, como se o enunciável e, depois, o enunciado já estivesse ali, já existisse independente do sujeito. Engano fatal. Enunciar, por mais vazio de conteúdo e de informações que seja o enunciado, é sempre o ato de engendrar discursos, de tecer as teias e construir os meandros por onde transitam os sujeitos nos seus encontros e desencontros, nos seus embates e lutas, nas disputas dos espaços e do poder que os discursos tramam, constroem, proporcionam, concedem. Isso mesmo: concedem. Foucault (2001: 37) fala dessa autoridade do discurso em relação aos sujeitos:

Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências, ou se não estiver, à partida, qualificado para o fazer. Mais precisamente: as regiões do discurso não estão todas igualmente abertas e penetráveis ; algumas estão muito

bem defendidas (são diferenciadas e são diferenciantes), enquanto outras parecem abertas a todos os ventos e parecem estar colocadas à disposição de cada sujeito falante sem restrições prévias.

Feitas essas considerações iniciais, pode-se entrar em uma das questões que incomodam quando alguém se coloca como leitor crítico do texto em questão: **Dom Casmurro**. Pode-se então perguntar, ou melhor, perguntar-se:

Dom Casmurro é apenas um personagem de uma história escrita por Machado de Assis? E, se a resposta a essa primeira pergunta é verdadeira, tem-se a segunda: porque, então, Dom Casmurro continua provocando acirradas discussões e os leitores dessa obra não conseguem isolar um perfil, pelo menos com certa clareza e limitação, para esse personagem? E uma terceira pergunta ainda pode ser formulada, a partir das consequências advindas das duas anteriores: não estaria o próprio Dom Casmurro exigindo um olhar diferenciado sobre sua constituição como sujeito de discursos que ora revelam um tempo social e histórico vivido pelo sujeito, ora esconde as evidências desse mesmo tempo e de seus acontecimentos tecendo teias com outros discursos, exatamente com o objetivo de desviar o olhar do observador (os leitores) desse mesmo tempo, em um jogo de revelar e esconder que tem mesmo a função de manter o leitor atento, como pode ser lido em Khalil (2000), quando ela aponta Machado de Assis como um construtor de leitores críticos?

O presente artigo é um primeiro e rápido exercício na direção de uma resposta a essas perguntas, especialmente a terceira delas. E um problema já se coloca de imediato: o livro, o sujeito narrador e o sujeito personagem, todos os três têm o mesmo nome. Em um plano superficial, tudo bem, é possível conviver com eles, com certa distinção. Mas, em um segundo plano, mais profundo, as coisas não são tão simples assim. Dom Casmurro narrador é uma máscara que esconde a identidade do autor enquanto sujeito social, ideológico, histórico; “de carne e osso”, vivendo e sofrendo na sociedade do Rio de Janeiro no final do século XIX e primeiros anos do século XX. E o sujeito personagem é extremamente complexo: é Dom Casmurro, é Bentinho, é Bento Santiago, é seminarista, é advogado, é filho de Dona Glória, marido de Capitu, amigo de Escobar, um

comerciante, pai de Ezequiel – arqueólogo, que morreu em Israel – e, sobretudo, é um sujeito apaixonado por Sancha, personagem da obra, e cuja história é revelada ao leitor em gotas de informações, nas frestas de luz que joeira dos furtivos olhares, do entreabrir das frases e das portas, do roçar dos braços e das mãos que se tocam plenos de emoção e *um fluido particular corre todo o corpo... em um instante de vertigem e de pecado* (ASSIS, 1995: 140). Essa complexidade do sujeito Dom Casmurro, por si só, já é uma pista para que ninguém se engane olhando-o como se fosse, apenas, uma personagem de uma obra consagrada da literatura brasileira, publicada no primeiro raiar do século passado. Ele não é só isso conforme pode ser conferido em Costa (2004: 61-67), em que faz uma abordagem sobre a constituição desse sujeito, como no recorte a seguir, tomado como referência.

Tem-se, portanto, a construção de um sujeito tridimensionalizado. Ou até pode-se dizer que se tem três sujeitos bem distintos, todos marcados pela heterogeneidade. Isto porque o Bento Santiago só existe para a sua infância ou, ao longo de sua vida, para ligar a sua pessoa ao seu lugar de origem familiar, membro da família Santiago. Quanto a Bentinho, ele é o grande sujeito desta história que foi narrada, por ele mesmo, mas mascarado de um sujeito – Dom Casmurro – que, ao final de sua vida e não tendo mais nada para fazer, resolve contar a sua própria história e contá-la a seu próprio jeito. Na verdade, pode-se também afirmar, com pertinência, que Dom Casmurro é um sujeito que não só existe enquanto narrador da história, narrador de suas próprias memórias. Ele, pelo viés da heterogeneidade constitutiva e da alteridade do sujeito, implica os sujeitos anteriores, dos quais é resultante. Pode-se até dizer que ele é síntese, é resultado e é causa de tudo. E é tão distinto e, ao mesmo tempo, tão convergência de Bentinho e de Bento Santiago que ele confessa que, na ânsia de reconstruir, no Engenho Novo, a velha casa da Rua de Mata-cavalos, ao buscar atar as duas pontas da sua própria vida, ao buscar viver outra vez o já vivido, diz ele: *Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo* (p. 18). Vê-se, então, que o próprio narrador se reconhece como um sujeito diferenciado dos outros sujeitos com os quais conviveu e convive na condição de ser. O sujeito do discurso narrado, da narração, convive com os sujeitos da memória que pretende narrar. Mas pode-se acrescentar ainda: quando ele confessa – *mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo* (p. 18) – está construindo a sua própria existência a partir do que falta, a partir do vazio, a partir da negação da existência. É o casmurro. (COSTA, 2004: 63-64).

Garimpar o cascalho dessa complexidade pode levar a algumas preciosidades e,

entre elas, encontrar um Dom Casmurro que não se limita a personagem de uma história escrita por Machado de Assis. É muito mais que isso. Começando pelo fato de, ao escrever a história, Machado ter feito a opção por constituir um narrador independente do autor, do ponto de vista da enunciação. Quem conta a história não é Machado de Assis, quem dialoga com os leitores também não é ele. Quem discute com os próprios leitores e explica como o texto está sendo produzido, em uma verdadeira experiência de metatexto não é Machado, como não é ele que, ao ver o leitor distraíndo-se, chama-lhe a atenção e o traz de volta à história, ao diálogo, à luta e à disputa pelos espaços do discurso, no que ele é capaz de conferir: poder, domínio, controle, lugar social, condição de expressão, privilégios.

Assim, deve-se enxergar Dom Casmurro como um sujeito que, de fato, enuncia os discursos ali presentes e dialoga com os outros sujeitos, na condição de leitores. É ele que conta a sua história e a história dos outros personagens. Propõe, já nas primeiras palavras, um pacto de intimidade com os leitores, explicando a constituição de seu próprio nome. E não o faz simplesmente por “um agrado ao leitor”. Ao explicar a constituição de seu nome – Dom Casmurro – ele é claro: *No dia seguinte, entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro* (ASSIS, 1995: 17). Antes mesmo de apresentar-se como um cidadão, com nome, identidade... o que só o faz mais adiante, quando a história já está em curso, ele se apresenta por uma alcunha, um falso nome, uma máscara. Ele se apresenta pelo que não é. Mas, mesmo assim, acaba revelando o lugar de onde fala, a sua posição discursiva. Antes de chegar à metade da terceira página, em um universo de 160, todos os leitores já sabem que Dom Casmurro não foi sempre o que é. Se mora no subúrbio do Engenho Novo, antes vivia e foi criado na Rua de Mata-cavalos, no centro da cidade. Se tem poucos amigos, ou amigas, nem sempre foi assim, mas os outros já *foram estudar a geologia dos campos santos*, como afirma, ou simplesmente já morreram e não estão ali por testemunha. Se vive recluso, como um bruxo, em uma casa de subúrbio, antes vivia como advogado nas rodas sociais, como cidadão herdeiro de um patrimônio cultural, herança da família que tinha propriedades rurais, escravos, casas de aluguel na cidade e sangue de coronel, embora o pai tenha morrido, quando ele ainda era criança, e a mãe administrado os bens familiares de forma emocional e inspirada pelo

agregado José Dias. O sujeito que conta essa história tem, na sua formação discursiva, as marcas de uma sociedade religiosa, rural, provinciana, coronelesca. Carrega as marcas de uma oligarquia fracassada, que perdeu o poder que tinha como donos de terras, gado, escravos... e ruma, na cidade, esse poder perdido, sem saber o que fazer dos filhos, sem projetos sociais, além do conservar o que tem, fazer “obras sociais”, ostentar uma falsa religiosidade e uma posição social perdida há muito tempo.

Retomar aqui os conceitos de que o sujeito é marcado e constituído pela ideologia, pelo social, pelo seu inconsciente... Retomar que o homem é um ser de linguagem e que o simbólico é inerente a ele... Retomar, ainda, que sujeito e discurso são inseparáveis e que um está na constituição do outro obrigatoriamente... Retomar que todo ato de linguagem é um ato de discurso e que toda experiência discursiva é desveladora do sujeito, pois ele se denuncia, anuncia-se e revela-se ao aceitar entrar no jogo do discurso, ou ao ser aceito em uma instância discursiva e inscrevendo-se nela, e mesmo que seu enunciado seja um jogo de esconder, de esconder-se... Se se retomasse tudo isso aqui, nesse artigo, seria saturante e extensivo, porque se passaria superficialmente demais sobre autores como Foucault, Pêcheux, Bakhtin, Marx, Maingueneau, Orlandi, Gregolin, Khalil, que discutiram tanto a questão do discurso, em sua produção e funcionamento, quanto a questão literária, em sua produção, construção de leitores e expressão de sujeitos. Para ser mais claro, pode-se tomar de Foucault algumas palavras para explicar a certa relatividade da unidade de um livro, conseqüentemente, do que ele aborda. Isso dá oportunidade para refletir sobre **Dom Casmurro**, questionar evidências de leituras feitas sobre ele, refutar o fechamento radical de certas leituras que são feitas sobre ele e defender as possibilidades novas de abordagens interpretativas. Nesse caminho é que se defende a pluralidade de sujeitos nomeados como Dom Casmurro e, entre as possibilidades, a presença de um sujeito que tem o perfil do cidadão do final do século XIX e começo do século XX. Essa possibilidade está respaldada em Pêcheux (2002: 53), ao defender que: *Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (...) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.*

Mas, voltando a Foucault, pois isso interessa, seriamente, para a abordagem que aqui se faz, ele fala sobre o livro como uma heterogeneidade de discursos.



Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde sua evidência. Não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos. (FOUCAULT, 2002: 26).

Reunindo o que está nesses dois autores, pode-se penetrar, sem medo, em **Dom Casmurro** e defender, demonstrando que ali o sujeito narrador constrói a si mesmo pela palavra de seu enunciado, engendrando a teia de discursos com que conta várias histórias, inclusive a história de amor vivida por Bentinho e Sancha, como está discutida por COSTA (2004).

Considerando os aspectos dessa construção da teia de discursos, vai-se encontrar o narrador na pele do autor em seu lugar de produção: Machado de Assis, o garoto pobre e mulato do Morro do Livramento, que viu as transformações sofridas pela cidade do Rio de Janeiro e por toda a sociedade contemporânea. É oportuno lembrar que, sob a inspiração da “Belle Époque” francesa, o Rio de Janeiro foi todo remodelado no seu centro urbano, com a derrubada de antigos casarões, expulsando parte da população do centro para os subúrbios, construindo amplas avenidas, como exemplo, a Rio Branco, que vai da Candelária ao Passeio, inibindo a vida aconchegante e familiar e colocando em pauta a agitação dos tempos modernos que atingiam a cidade. E, mais ainda, expulsando os pobres, os descalços e os mal vestidos da área central da cidade e alocando-os nas periferias e morros da capital do País.

Pois Dom Casmurro é um deslocado, um descentrado, um cidadão levado do centro à periferia. E, em todos os sentidos. Ele, que morava na Rua de Mata-cavalos, bem no centro da cidade, e transitava pela Glória, Flamerigo, Botafogo, Castelo... sempre na região central, apresenta-se como autor do livro, contador da história, e é o enunciatador e armador dessa teia de discursos que estão presentes no texto; ele vem dos subúrbios do Engenho Novo, mais subúrbio ainda que o Engenho Velho, que é subúrbio até no nome, pois um engenho não estaria, por certo, no centro da cidade ou próximo dele. É de lá que vem Dom Casmurro. E ele não volta ao centro da cidade, ao burburinho da capital, à cidadania da cidade do Rio de Janeiro para ali contar ou reviver

sua história, suas histórias. Ele permanece como que distante, no tempo e na história, distante dos fatos e dos próprios leitores. Ele é só memória de um cidadão que viveu as delícias e os burburinhos da cidade e, hoje, se vê recluso a uma casa de subúrbio, pagando um preço pelas transformações sociais vividas e pelas frustrações experimentadas. Das transformações, ele trata no capítulo segundo, quando explica o seu trabalho de *reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu.* (ASSIS, 1995: 18). Vê-se, aí, a imagem de sua infância, na Rua de Mata-cavalos, no centro da cidade. E quando ele diz da casa nova de *mesmo aspecto e economia* da casa de sua infância, ele diz da grandeza fisionômica da casa e de sua grandeza econômica. E é bom que o leitor cuide bem porque *economia*, no texto, não está para a pequenez e para o fazer economia, mas para a descrição da pompa e riqueza ostentada. Nesse sentido é bom resgatar o começo da história de Bentinho e Capitu, quando José Dias descreve muito bem as condições sociais e econômicas díspares entre a família Santiago e a família do Pádua, noticiando para Dona Glória sobre o começo das relações afetivas e amorosas dos dois adolescentes. Diz ele, na palavra do narrador:

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua. (ASSIS, 1995: 19).

É bom observar, nessa seqüência, duas marcas: “a casa ao pé” e “gente do Pádua”. Na primeira, está indicada a condição social diferenciada entre as duas famílias, com o emprego de argumentos de um discurso sócio-econômico em que a pobreza está sempre em baixo, ao pé; a riqueza sempre em cima, casas altas, vistosas, ostentação. Na segunda, vê-se um discurso social indicado pelo desdém com que Capitu é tratada. O perigo não está nela, está na condição social do Pádua, na pobreza, em alguém que não tem posses, propriedades, escravos, terras..., apenas uma casa baixa para morar.

É desse ambiente que vem o sujeito Dom Casmurro. Ele que tinha tudo e fora descentrado e deslocado, caminhando na direção do subúrbio. E isso, no texto, é tão

verdadeiro que ele nada herdou de sua antiga fortuna, da fortuna da família. Tudo passa e ele é visto como um sujeito em fim de carreira: sem bens, sem heranças, sem amigos, sem descendência, sem quê nem por quê. E seu deslocamento se dá também no isolamento social. Sem amigos, sem família, sem esposa, sem ninguém que o ligue com um passado glorioso, agitado, cheio de aventuras, conquistas, relações. Segundo ele mesmo, suas relações são com algumas amigas e datam dos últimos quinze anos, no máximo.

E o deslocamento desse sujeito Dom Casmurro chega a tanto que ele vê em si mesmo a ausência na distância do outro sujeito que viveu nos burburinhos da vida carioca naquele final de século e que fracassou, como tantos outros que viveram no mesmo tempo e espaço e passaram por experiências semelhantes. *Falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo*, explica ele, defendendo que não conseguiu realizar o seu intento de tornar a ser aquele sujeito Bentinho, do centro da cidade, e tinha que contentar-se à sua condição de casmurro, marca das frustrações provocadas pelos fracassos sociais e econômicos vividos, pelos descentramentos sofridos e pelas decadências econômicas experimentadas: uma verdadeira síntese dos sujeitos daquele tempo no Rio de Janeiro.

Ver Dom Casmurro no Engenho Novo e ouvir suas histórias é mesmo encontrar um cidadão que desfila e desfia sua memória, como sujeito de muitas faces, testemunho da virada de século na capital do País, quando os esforços governamentais eram na direção da cidade, de seu saneamento, de sua beleza, dos atrativos a serem oferecidos aos visitantes. Não estava como prioridade o homem, especialmente a massa de pessoas que habitavam, espontaneamente, a cidade. Essas também precisavam passar, e passaram, por um processo de “saneamento”. É bom visitar a História do Brasil e lembrar-se da revolta da vacina. É bom lembrar que a “Proclamação da República” foi um golpe de estado, liderado por militares, que eram fiéis ao Imperador e que se sujeitaram à revolta dos coronéis, pois esses tinham perdido escravos, propriedades, imóveis, concessões e outros privilégios. E os golpistas ainda estavam alimentados e iludidos – mais ou menos igual aos militares de hoje – por certos privilégios e espaços conquistados desde a Guerra do Paraguai. Uma vez no poder, os golpistas mal sabiam o que queriam e o que podiam. Acabaram fazendo muita coisa com impropriedade e sujeitaram-se às imposições e modismos estrangeiros. E qualquer um pode imaginar alguns dos desastres ocor-

ridos e com alto custo para as pessoas, notadamente para o cidadão comum.

Muitos outros apontamentos de época poderiam ser tomados para indicar que Dom Casmurro tem suas incompletudes, seus descentramentos, suas frustrações, fracassos, irrealizações. Mas não se faz necessário. Basta visitar aquele ambiente do início do texto, com um sujeito em sua casmurrice, ouvindo poemas de um poeta que precisava anunciar-se, mostrar-se escritor, fazer-se sujeito de palavras até mesmo pela necessidade urgente de existir. Quem sabe como forma de manter-se vivo, de dar a si mesmo um espaço em que anunciasse a sua subjetividade, a sua condição de sujeito?

O quadro sócio-político da época estava presente, tanto que o narrador diz que o rapaz cumprimentou-o, sentou ao pé dele, falou-lhe *da lua e dos ministros*, e acabou recitando-lhe versos. É essa presença do discurso – falar mal do governo – incidente e repetitivo em todas as rodas sociais, notadamente, nas mais populares, serve de indício para se poder entender a contextualização e presentificação do discurso do narrador, que também constrói o texto e toda a rede e teia de discursos nele presentes exatamente com os mesmos propósitos existenciais do rapaz do trem: manter-se vivo, mostrar-se como um sujeito atuante, cidadão, participante da vida pública como advogado e freqüentador das cortes, solícito com os pobres e humildes, como no caso de Manduca e mesmo nas relações com Pádua e nos encantamentos que tinha pelo agregado.

Esse sujeito que narra está presente na procissão do Santíssimo, acredita no poder do Imperador e o aprova; é adolescente e jovem e contesta os valores da própria sociedade em que está inscrito, como é o caso de não aceitar determinados valores da religião, como no episódio da promessa e na sua passagem pelo seminário. Mas também é homem feito e apaixona-se e ama ardentemente e perde-se de amor por Capitu e trai a si mesmo e à amada, porque o amor não tem jeito, desde muito tempo, começando com a traição de Eva e seguindo a tradição que gerou expressões populares, tais como: o amor não tem fronteiras, os olhos não têm cerca, o coração não tem dono... e tantas outras. Pois esse sujeito que ferve de paixão por Capitu acaba, desastrosamente amarrado pelos olhares furtivos e os toques de mãos de Sancha, a ponto de ninguém poder afirmar, sem risco de errar, que toda a tragédia mostrada por ele no texto foi motivada por esse ou por aquele ato de traição. Quem garante, por exemplo, que Escobar foi

tragado e engolido pelas ondas naquela manhã? É possível que o mar tenha acolhido aquele sujeito entristecido com a traição de sua esposa e de seu melhor amigo. Ambos se amavam ardentemente e tinham entre eles as identidades necessárias para essa aproximação.

Bentinho acaba como uma grande massa de cidadãos do Rio de Janeiro, não só gente pobre, negra ou mulata, que foi afastada do centro da cidade, mas também profissionais liberais frustrados, comerciantes fracassados, coronéis destruídos, proprietários derrotados e derrocados, políticos acabados sem poder ou mandato, e tantos outros cidadãos e profissionais que acabaram e se acabaram nos subúrbios da Capital Federal.

Assim, Dom Casmurro não é simplesmente um personagem que transita nas páginas de literatura e nos debates e lides dessa disciplina. É muito mais que isso. É um sujeito social, histórico... que se manifesta e brota das páginas de um livro para dialogar com outros sujeitos de qualquer tempo e de qualquer condição sobre a grandeza de viver no final do século XIX, com os pés no século XX, e também sobre os desafios de ter que encarar todas as mazelas de seu tempo e tentar escapar vivo. Se não realizado como profissional, amante, esposo, pai, amigo... por causa de suas naturais incompletudes, pelo menos escapando vivo e transcendente através da palavra sofrida, dita, escrita, perenizada pela pena de Machado de Assis.

Ou não será que tenha sido Machado de Assis a realizar tudo isso pela boca de Dom Casmurro!?

## Referências

---

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ed. Moderna, 1983. 160 p.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, Eni P.; Geraldí, João Wanderley. (Org) **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas: Unicamp, 1990. n° 19, jul./dez. p. 25-42.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2000. 96p.

BAKHTIN, Mikail. **O discurso em Dostoiévski.** In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981. p. 157-235

\_\_\_\_\_. **O autor e o herói.** In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 1-220

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. 96p.

COSTA, Hermes Honório da. **Um olhar sobre A Mão de Sancha.** (Dissertação de Mestrado.) Uberlândia. UFU, 2004. 133p.

COSTA, Hermes Honório da. **Um olhar sobre A Mão de Sancha.** Araxá: Editado pelo Autor, 2004. 128 p.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.**, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria?** In: GREGOLIN, Maria do R. V.; BARONAS, Roberto. (Org.) *Análise do discurso: as materialidades do sentido.* São Carlos: Claraluz. 2001. p. 60-78

KHALIL, Marisa Martins Gama. **A arqueologia do leitor.** (Tese de Doutorado). Araraquara, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução de Freda Indursky, revisão dos originais da tradução: Solange Maria Ledda Gallo; Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. 198p.

\_\_\_\_\_. **Elementos de lingüística para o texto literário.** Tradução de Maria Augusta de Matos, revisão da tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 212 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 3.ed. Campinas: Pontes, 2001a. 100p.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória.** In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57

\_\_\_\_\_. **Análise automática do discurso.** In: GADET, F; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: editora da Unicamp, 1990. p. 61-161.